

Roberto Camargos de Oliveira

Rap e Política: Percepções da vida social brasileira

São Paulo: Boitempo, 2017, 190 páginas.

Daniel Soares da Silva⁹⁴

Orientação: Prof. Bruno César dos Santos

Quem nunca, ao se deparar com as canções de *rap*, pensou: “O que será que os políticos pensam disso?” Essa pergunta pode e deve ser feita, uma vez as canções de tal gênero musical fazem duras críticas aos representantes públicos de um país, questionando como é feito o jogo político. Para isso, os intérpretes e coletivos musicais buscam apresentar seus questionamentos, indagações e indignações, sem se preocupar se suas obras musicais serão aceitas ou se serão julgados por colocar a boca no trombone.

Roberto Camargos busca dizer e demonstrar como o *rap* pode ser uma visão de mundo e como cada obra musical é fruto de tais cenários e percepções vividas e pensadas. Para tal, o autor utiliza a perspectiva histórica, no intuito de remontar e organizar os acontecimentos e mensagens produzidas por rappers brasileiros. Camargos retoma os conceitos desenvolvidos em sua Dissertação de Mestrado em História, apresentada na Universidade Federal de Uberlândia (UFU/MG), em 2011, para construir uma relação entre *rap* e política.

Neste sentido, o livro reivindica que o *rap* se apresenta em uma posição próxima ao de fazer política, partindo das canções que são cantadas pelos *rappers*. Ou seja, ao cantar *rap*, está se fazendo política. Para essas reivindicações, o livro recorre às inúmeras fontes dentro do *rap*, considerando as letras e canções, bem como as diversas

⁹⁴ Daniel Soares da Silva é graduando do curso de Licenciatura em Filosofia da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM) e faz parte do programa de Iniciação Científica (PIBIC/FAPCOM). E-mail para contato: 181277@sou.fapcom.edu.br

reportagens e entrevistas cedidas pelos artistas, ao decorrer das suas carreiras. A obra é dividida em sete capítulos, além do prefácio e Introdução.

Rap e Política conta, em seu primeiro capítulo, aspectos de sua origem e evolução, começando pela sua disseminação nos Estados Unidos. Para isso, a obra utiliza diversas referências bibliográficas, bem como registros históricos que mostram que o “o *rap* despontou primeiramente nos Estados Unidos, guardando relação direta com a presença de imigrantes negros e latinos nesse país, em meados dos anos 1970” (OLIVEIRA, 2017, p.34).

Em seu segundo capítulo, a obra traz à tona as críticas que o *rap* sofre e sofreu durante anos, em especial o cenário do *rap* brasileiro. Para isso, o autor direciona seu olhar para o dilema da originalidade ou da brasilidade presente nas canções e produções musicais nacionais, em relação às produções dos diversos países. Afinal, nossa poesia é brazuca ou cópia gringa? As duas coisas.

O livro permite uma reflexão a respeito das críticas feitas por pessoas externas ao *rap*, relacionadas ao produto como um todo, sem as particularidades de seus locais, que em suma estava a tentar classifica-lo como uma não-cultura, como demonstrado por Oliveira (2017, p.60):

O que intrigava os críticos era o fato de “uma música que não tem melodia, não tem canto nem exhibições de virtuosismo instrumental” reunir à sua volta um número considerável de pessoas, sendo catalisadora de gostos, comportamentos e modos de pensar e de agir. O que se cobrava dos *rappers*, pelo visto, era uma estética elaborada da qual eles estariam alijados

O livro começa a destacar a forma como o *rap* se manifesta em relação a tudo isso e como se identifica em meio a toda essa crítica, mas de forma mais importante. A ressalva é a de que o espaço em que o *rap* e em que as críticas se manifestavam, embora fosse da sociedade brasileira, eram de áreas diferentes. Isso causava um desconforto para

ambos os posicionamentos: o posicionamento do outro lado da realidade, do outro lado da ponte, como defendido por Oliveira (2017, p. 73):

Não que desconhecemos ou ignoramos os problemas levantados pelos *rappers* em suas composições, mas as abordagens e perspectivas por eles defendidas é que eram, em muitos casos, pela sua crueza, bastante constrangedoras para certos grupos sociais, particularmente a burguesia.

Os outros capítulos, constroem em conjunto então a ponte destacada entre as produções do *rap* para com as formas de se entender política, ressaltando por vezes as formas como o conteúdo era absorvido por seu público e, por outras vezes, quais eram os seus alicerces para o discurso e a construção da percepção desta realidade. Ou seja, do sujeito que questiona o seu espaço e, portanto, percebe-o de outra forma, se tratando destes sujeitos como os *rappers*, é intuído que seu dever seja o de passar uma mensagem, como defendido por Oliveira (2017, p.80) em: “Não que as outras dimensões dessa arte não fossem importantes, porém à mensagem reserva-se um lugar especial, o centro das atenções”.

Por conta desta posição privilegiada, há uma imensa cobrança a respeito deste conteúdo, mas também é por conta dessa cobrança que se entende como e por qual motivo o *rap* consegue ser sustentado e ademais de como ele encontra na vida social suas reivindicações, o que a rigor, quer dizer que é por conta da sua realidade e vivência social que seu produto final se baseará, como definido por Oliveira (2017, p. 162):

No caso específico de muitos *rappers*, eles interpelam uma realidade que os agride no seu cotidiano, uma sociedade marcada pelo encolhimento do Estado, pelo progressivo desemprego estrutural, pelo agravamento de problemas sociais seculares que políticas compensatórias visam atenuar, mesmo que precariamente.

Num geral, o livro faz uma aproximação dos problemas vivenciados pelos produtores com o resultado de seus produtos, fazendo com que o *rap* seja somente o caminho de guiar seu entendimento a respeito da sociedade. Para esta, o entrelaçamento entre os

diversos cotidianos com a sociedade como um todo, o trunfo do *rap* está em atingir esse geral partindo dos particulares, e encontrar em ambos as realizações possíveis da política e quais são as críticas possíveis neste ambiente.

Conclui-se que o livro cumpre e sana muito bem as dúvidas e interpretações que geralmente ocorrem quando se depara com o *rap*, produzindo todas as amarras necessárias entre o gênero e o fazer política, no final, o que se entende é que talvez, se todos fossemos *rappers*, estaríamos a produzir e espalhar muito mais política do que os políticos ortodoxos e a forma atual que se entende o fazer político.